



# FAMÍLIA DEHONIANA

Newsletter de contato da Família Dehoniana em Portugal

#22 | Fevereiro 2019

Senhor,  
aumentai a minha fé e a  
minha confiança.  
A confiança sobrenatural  
exclui os pequenos cálculos  
da prudência humana.

*Padre Leão Dehon*



Caros Irmãos e Irmãs

Abrimos este número com a mensagem de Natal do Padre Carlos Luís Suárez Co-dorniú, Superior geral dos SCJ, que nos convida a regressar a Belém, a entrar em Belém. “Em Belém – escreve – encontraremos sempre proximidade e ternura, alento e estímulo para continuar a caminhar nas etapas que se seguem. Belém é testemunho vivo e missão partilhada.” Em Belém aprendemos e recebemos a força necessária para ser “ministros do Evangelho cuja vida irradie fervor”. Esse fervor é fruto da

alegria que o encontro com o Menino Deus provoca em nós.

Segue-se uma breve reflexão sobre a necessidade de rezar pelas vocações sacerdotais, religiosas e laicais, todas necessárias na nossa família carismática e na Igreja.

Prosseguimos com a rubrica de textos do Fundador. A leitura desses textos permite um contacto vivo com o Padre Dehon, aprofundando o conhecimento que dele temos, alimentando o nosso amor ao carisma e à missão que, por meio dele, recebemos de Deus.

Depois, vêm as notícias. Gostaríamos de ter mais algumas dos diversos grupos para as podermos partilhar. Renovamos o apelo nesse sentido.

Terminamos, como decidimos neste Ano Missionário, lembrando um missionário da nossa Província. Desta vez apresentamos a “memória” do Padre José de Bairos Braga, missionário em Moçambique e em Madagascar.

Que o Senhor nos conceda um Ano Novo cheio de paz, alegria e entusiasmo na vivência da nossa “bela vocação”, como a classificava o P. Dehon.

*P. Fernando Fonseca, scj*  
Coordenador Nacional

## EM DESTAQUE

# Mensagem de Natal do Superior Geral

### Regressar a Belém

A todos os membros da Família Dehoniana

Caros confrades e todos os membros da Família Dehoniana,

Esta época do ano fala-nos de caminhos. A voz dos profetas convida-nos a reparar os caminhos deteriorados e a construir outros novos para continuar a dar uma direção à vida. O Evangelho destes dias fala-nos de caminhantes e não tanto de caminhos: um jovem casal de Nazaré, uns sábios vindos de longe e um grupo de pastores surpreendidos no seu trabalho. Todos eles caminhavam. Nenhum deles caminhava sozinho.

Para muitos, Maria e José cumpriam simplesmente a sua tarefa, mas a verdade é que ambos tinham iniciado um caminho apaixonante. Acompanhava-os a fé e a solidariedade profunda que os unia e, sobretudo, aspirar sempre à vontade de Deus. Os pastores, por sua vez, sentindo-se enviados e testemunhas do Pastor que age para o bem do seu povo, superavam os seus medos e caminhavam na noite. Acompanhava-os a alegria partilhada de uma manhã diferente que se iniciava naquela mesma noite sob os seus olhos arregalados. Os outros, os mais distantes, eram estrangeiros, sim, mas acima de tudo sábios, porque sabiam muito bem



*Para muitos, Maria e José cumpriam simplesmente a sua tarefa, mas a verdade é que ambos tinham iniciado um caminho apaixonante. Acompanhava-os a fé e a solidariedade profunda que os unia e, sobretudo, aspirar sempre à vontade de Deus.*

Chegou a hora de regressar  
a Belém, de entrar em  
Belém. Não fiquemos  
de fora, estrangeiros,  
solitários, porque em Belém  
encontraremos sempre  
proximidade e ternura, alento  
e estímulo para continuar a  
caminhar nas etapas que se  
seguem. Belém é testemunho  
vivo e missão partilhada.

que, para alcançar o objetivo, é necessário discernir e deixar-se guiar. Nenhum destes caminhantes ficou desiludido. O encontro com Jesus iluminou os seus rostos e as suas culturas. Ninguém se sentiu estrangeiro e ninguém pensava que os outros fossem estrangeiros. O único que se manteve alheio a tudo isto foi Herodes. Ele próprio quis ser estrangeiro ao colocar-se de fora. Ele não quis sair de si mesmo, e muito menos colocar-se a caminho com os outros. Permaneceu prisioneiro do seu poder. Todos os outros puderam entrar em Belém. São os simples, os que se deixam surpreender, os que não ambicionam poder nem prestígio, os inquietos, os que buscam a verdade que continuam a ensinar-nos o caminho a percorrer e como fazê-lo.

Precisamente neste ano, a voz do XXIV Capítulo Geral que celebrámos pedenos para que continuemos a fazer juntos o nosso caminho, crescendo na cultura sinodal. Trata-se de caminhar à luz do Espírito, dando, todos os dias e em tudo o que fazemos, mais espaço à Boa Nova que nos vem de Jesus. É a partir dali, é d'Ele, que o nosso caminhar tem vida e sabor: «O seu Caminho é o nosso caminho» (Cst. 12). Esta é a herança viva que o Padre Dehon nos deixou. Compete a nós acolhê-la, vivê-la e partilhá-la.

E, neste mês de Dezembro, recordamos que há 150 anos atrás Dehon estava a preparar-se para celebrar o seu primeiro Natal como sacerdote. O seu ministério na Igreja foi um contínuo aprender a caminhar com os outros e para os outros. E se assim foi, é porque ele aprendeu muito bem o caminho para Belém.

Contemplando uma vez mais aquilo que ali acontece, a vida do nosso Fundador foi-se dinamizando. Belém, a Santa Noite de Natal, foi para ele o ponto de partida. Ali ele aprendeu a estar e a caminhar com Deus para sair de si mesmo e ir ao encontro dos outros, apontando o caminho para encontrar e acompanhar os que então reconheceram como mais necessitados de atenção e de cuidado, particularmente os jovens, sem se esquecer de procurar sempre novos horizontes: «Où faut-il aller? Je suis prêt : “Ecce venio!”. Faut-il aller à Bethléem, à Nazareth, en Égypte, en Galilée? “Ecce venio!”». [«Aonde devo ir? Eu estou pronto: “Ecce venio!”. É necessário ir a Belém, a Nazaré, ao Egito, à Galileia? “Ecce venio!”»] (CAM 1/63).

Chegou a hora de regressar a Belém, de entrar em Belém. Não fiquemos de fora, estrangeiros, solitários, porque em Belém encontraremos sempre proximidade e ternura, alento e estímulo para continuar a caminhar nas etapas que se seguem. Belém é testemunho vivo e missão partilhada. «[...] Que o mundo do nosso tempo que procura, ora na angústia, ora com esperança, possa receber a Boa Nova dos lábios, não de evangelizadores tristes e descoroçados, impacientes ou ansiosos, mas sim de ministros do Evangelho cuja vida irradie fervor, pois foram quem recebeu primeiro em si a alegria de Cristo».

Desejamo-vos um Feliz Natal e um Novo Ano cheio de esperança e de generosidade para continuar a caminhar juntos e atentos ao hoje de Deus para todos nós.

In Corde Iesu,

*P. Carlos Luis Suárez Codorniú, scj*  
Superior Geral e seu Conselho



# Rezar pelas Vocações

A nossa Família Dehoniana, como todas as famílias carismáticas, precisa de vocações que acolham e vivam a herança do Fundador, e realizem a missão que nos é confiada na Igreja e no mundo.

Quando falo de vocações, não penso só em consagrados e sacerdotes. Esses são importantes. Mas também precisamos de leigos e de famílias cristãs que vivam o carisma e se empenhem na missão. Essa era uma forte preocupação do Padre Dehon, logo ao fundar a Congregação. O Vaticano II ainda estava longe. Mas Leão Dehon já intuía a importância da partilha do carisma com os leigos. Não se contentava em receber deles ajuda em trabalho ou meios materiais...

O Papa Francisco, ao receber o Superior Provincial dos Jesuítas da Irlanda, perguntou-lhe: “Quantos noviços tendes?” O Provincial respondeu: “temos três, um da Irlanda e dois da Grã-Bretanha.” E o Papa prosseguiu “Isto é o que mais me preocupa:

as vocações.” E acrescenta: “Que se passa para o povo já não se entusiasmar pela nossa vida? Precisamos de rever a nossa vida para recebermos filhos. Ou somos estéreis? Quando descobrimos a nossa esterilidade, e nos pomos em oração para sermos fecundos, Deus dá-nos a fecundidade. Tende confiança. Todos nós deveríamos acariciar um filho, falar com um neto. E quase já não temos filhos nem netos! Com tantos santos que tivemos na Companhia ao longo dos séculos... Devemos pensar e interrogar-nos: que está a acontecer? Com tanta juventude que temos... Aconselho-vos a oração”.

É prática habitual rezar pelas vocações ao celebrar a hora de laudes nas nossas comunidades. Mas todos, sacerdotes, consagrados e leigos, havemos de rezar pelas vocações para a nossa família carismática, e para toda a Igreja.

*Fernando Fonseca, scj*



# CONHECER O PADRE DEHON

## Através do Escritos Espirituais

O Padre Dehon escreveu, no Ano com o Coração de Jesus, uma meditação para o dia 3 de Janeiro intitulada “O Santo Nome de Jesus”. Transcrevemo-la para meditação e oração dos irmãos e irmãs que quiserem aproveitar desta proposta do Fundador.

“Deram-lhe o nome de Jesus, como tinha sido chamado pelo anjo, antes que fosse concebido no seio de sua Mãe (Lc 2,21).

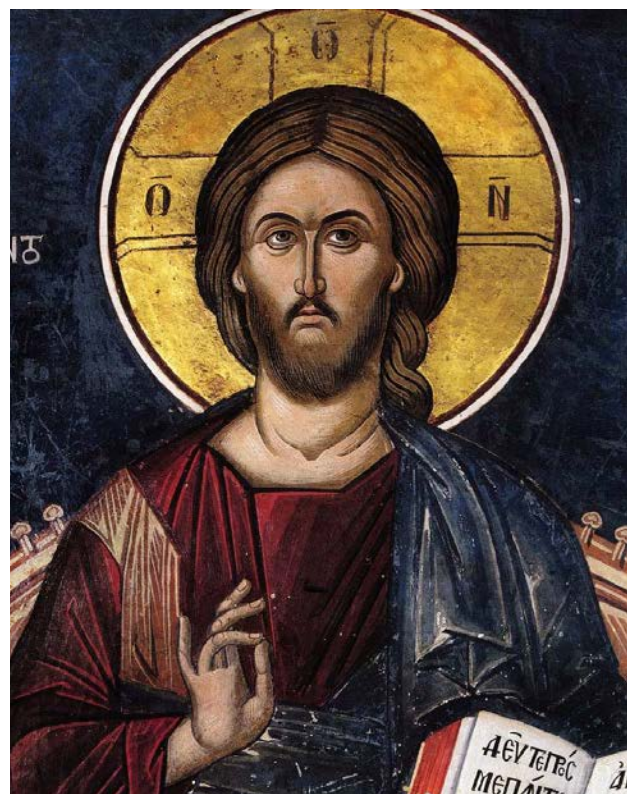
**Primeiro Prelúdio.** Escuto Maria, no dia da Circuncisão, pedir que o menino receba o nome de Jesus.

**Segundo Prelúdio.** Ó Jesus, ofereço-vos a alegria que o vosso Coração de menino experimentou ao escutar Maria a dar-vos este doce nome, e peço-vos a graça de o pronunciar muitas vezes com piedade.

**PRIMEIRO PONTO: Nome glorioso.** – O nome de Jesus é mais glorioso que o de Adão. Adão foi o pai temporal de toda a raça humana. Devemos-lhe a vida, mas também as fraquezas que derivam do seu pecado. Jesus é o nosso Pai espiritual, a ele, devemos a salvação.

O nome de Jesus é mais glorioso que o de Abraão. Abraão foi o pai do povo hebreu, que foi o povo de Deus pelas promessas, pelas figuras, pela preparação do Messias. Jesus é o Pai do verdadeiro povo de Deus, de todas as almas unidas a Deus pela graça e pela glória.

O nome de Jesus é maior que o de Moisés. Moisés tirou o seu povo da escravidão, do Egito, e transmitiu-lhe a lei de Deus, conduziu-o até à entrada da Terra prometida.



Jesus tirou-nos da escravidão do pecado, deu-nos a lei Evangélica, mais perfeita que a de Moisés; fez-nos entrar na Terra prometida da Igreja e da graça, aguardando a do céu.

O nome de Jesus é maior que o de Josué, aquele que conduziu os Israelitas à Terra prometida, mas mais não era que a figura da Igreja e do céu.

Um dia em que eram recitadas na epístola estas palavras: Deus deu-lhe um nome que está acima de todos os nomes, Santa Matilde conjurou Nosso Senhor a dar-lhe a

conhecer este nome glorioso, que o seu Pai lhe deu; respondeu: «É o nome de Jesus ou de Salvador, porque eu sou o Salvador e o Redentor de todos os que existem, que existem e que devem existir na sucessão dos tempos... Sou o Salvador de todos os que obedeceram aos meus mandamentos ou que devem segui-los no futuro. Tal é o nome supremo e superior a todos os outros, que o meu Pai me reservou desde a origem» (Revelações, 16).

Ó Jesus, adoro este nome que merece que em sua honra todo o joelho se dobre no céu, na terra e nos infernos.

**SEGUNDO PONTO: Nome dulcíssimo.** – É doce ao ouvido e ao Coração de Jesus este belo nome, e é doce aos nossos lábios.

É doce a Jesus, este nome de salvação e de graças que o seu Pai tinha em vista desde toda a eternidade. – É-lhe doce este nome que o anjo Gabriel trouxe a Maria para ele; este nome que Maria pronunciou no dia da Circuncisão e que devia repetir tantos milhares de vezes com os seus lábios tão puros e com a sua voz tão doce e tão amável.

Quando repito este nome, recordo a Jesus toda a alegria que teve ao ouvi-lo muitas vezes repetido por Maria, por S. José, por S. João seu discípulo amado, por tantos santos que, como S. Paulo, S. Bernardo, S. Boaventura, S. Bernardino de Sena, Santo Inácio o tinham sempre nos lábios. Ó Jesus! Jesus! Oferecendo-vos este nome, alegro-vos, como o dizíeis a Santa Gertrudes; quando saudamos o vosso nome, o vosso Coração fica comovido e aspira um perfume de maravilhosa suavidade.

Mas, para nós, também este nome é muito doce, como diz S. Bernardo. Jesus dulcis memoria! Este nome recorda-nos tão doces recordações: a bondade de Deus Pai que nos deu o seu Filho, a bondade do Salvador que se entregou por nós, todos os mistérios desta vida maravilhosa de trinta e três anos, todos os benefícios da Eucaristia, todas as graças do Coração de Jesus, e todas as esperanças do céu.

Ó Jesus, o vosso nome é para mim mais doce que o mel; aos meus ouvidos, é um cântico; nos meus lábios, é o maná; no meu coração, uma alegria celeste. Ó Jesus! Jesus!

**TERCEIRO PONTO: Nome todo poderoso.** – A este nome, todo o joelho se dobra, no céu, na terra e nos infernos.

Na tentação, se invoco Jesus, o demónio afasta-se. Não pode suportar este nome. Este nome assusta-o ainda mais do que o raio assusta aos pobres humanos.

Se tenho necessidade do socorro divino, rezo por Jesus Cristo, por este nome divino, e sou todo poderoso sobre o Coração de Deus. “Tudo o que pedirdes ao meu Pai em meu nome, Ele vo-lo concederá”, disse-nos Nosso Senhor mesmo (Jo 14-16). Quando rezamos ao nome de Jesus, levamos a Deus o preço das graças que pedimos recordando-lhe os méritos do Salvador.

Este nome é também poderoso para nos iluminar, para nos fortificar, para nos consolar, para abrasar os nossos corações com o amor divino.

É a luz dos nossos corações, recordando-nos as virtudes do Coração de Jesus. É a nossa força, repetindo que temos no céu um advogado e um amigo.

É a nossa consolação, depois das nossas quedas, restituindo-nos a esperança e a confiança.

Abrasa-nos de amor por Jesus representando-nos as suas bondades e a misericórdia do seu divino Coração.

**Resoluções.** – Ó Jesus, até agora não honrei suficientemente o vosso nome bendito! Perdi um milhão de ocasiões para alegrar o vosso Coração, vos contentar e atrair as vossas graças sobre mim e sobre as almas.

Perdoai-me! Mudai-me!

Colóquio com Jesus.

(ASC, p. 23s.)



# Através das Obras Sociais

No Catecismo Social Cristão, publicado em 1898, o Padre Leão Dehon, homem de grande fé e vasta cultura, formado em Filosofia, Teologia, Direito Civil e Direito Canônico, expõe com propriedade e clareza a doutrina da Igreja sobre diversas questões da sociedade. Hoje lemos o que escreveu sobre o Estado e sobre a Igreja, como instituição.

## III. – O ESTADO, SUA ORIGEM E COMPOSIÇÃO

### 1. É necessária a vida social?

– Sim, o homem nasceu para viver em sociedade. O homem isolado, não consegue obter o que é necessário e útil para a vida, nem alcançar o pleno desenvolvimento do seu espírito e do seu coração. A Providência fê-lo para se unir aos seus semelhantes na sociedade civil, tal como na família. E como nenhuma sociedade pode subsistir sem uma autoridade, que dá aos seus membros um impulso eficaz para um objetivo comum, resulta necessária uma autoridade para governar os homens reunidos em sociedade. Esta autoridade, tal como a sociedade, procede da natureza e tem Deus por autor.

### 2. Qual é a origem do poder público?

– Do que acabámos de dizer, resulta que o poder público só pode vir de Deus. Só Deus é o soberano mestre de todas as coisas, tudo deve obedecer-lhe. Se, portanto, alguém tem o direito de mandar, recebeu esse direito de Deus, que é o chefe supremo de todos. Todo o poder vem de Deus (Rm 12cf. 13,1).

### 3. Qual deve ser a forma do poder civil?

– A soberania não está necessariamente ligada a alguma forma política; ela pode adaptar-se a todas as formas de poder que sejam aptas para buscar o bem comum. As circunstâncias providenciais e o acordo



das populações determinam a organização política de um estado. Os indivíduos devem obediência ao poder. Os que resistem ao poder resistem à ordem estabelecida por Deus e expõem-se à condenação (Rm 5 [cf Rm 13,1s]).

### 4. Qual é a missão do poder civil?

– Qualquer que seja a forma de governo, todos os chefes de Estado devem absolutamente ter os olhos em Deus, soberano Moderador do mundo; e, no cumprimento do seu mandato, devem encontrar em Deus

o modelo e a regra. Do mesmo modo que, na ordem das coisas visíveis, Deus criou as causas segundas, nas quais podemos reconhecer a sua acção, e que concorrem para o objectivo para onde tende o universo; assim, ele quis que, na sociedade civil, haja uma autoridade cujos depositários são como que representantes do poder e da Providência (cf. Lettres apostoliques, tome II, p. 19 et ss).

#### **IV. – A IGREJA E OS SEUS DIREITOS**

##### **1. Qual religião deve a sociedade abraçar?**

– Não é difícil decidir qual é a verdadeira religião, se examinarmos a questão com prudência e sinceridade. As provas da verdade da religião cristã são bastante numerosas e claras: o cumprimento em Jesus Cristo das profecias do Antigo Testamento, a realização das figuras, os seus milagres numerosos, de modo especial, a sua ressurreição, a propagação da fé contra todas as resistências da natureza e da política, o testemunho dos mártires, a transformação do mundo e outros argumentos semelhantes provam claramente que a única religião verdadeira é a que Jesus Cristo instituiu, confiando à Igreja a missão de a guardar e propagar.

##### **2. Qual é a missão da Igreja?**

– Nosso Senhor Jesus Cristo, ao instituir a Igreja, encarregou-a de continuar nos séculos futuros a missão sublime que ele mesmo tinha recebido do Pai. “Como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós” (Jo 20,21). Como Nosso Senhor, a Igreja tem, pois, a missão de procurar a salvação das almas. Ela abrange toda a humanidade. Tem a sua hierarquia própria: o seu chefe supremo, vigário de Jesus Cristo, e os seus pastores em diversos graus.

Tendo uma finalidade espiritual e sobrenatural, é absolutamente distinta do Estado. Verdadeiro reino de Deus na terra, está necessariamente livre de toda a sujeição humana. Sociedade completa e independente na sua esfera, goza de todos os direitos

que pertencem a uma sociedade perfeita, em particular no que se refere ao triplo poder: legislativo, judiciário e coercitivo.

As nações cristãs sempre trataram com a Igreja como um poder legítimo e soberano. E, por especial disposição da Providência, a autoridade do Pontífice de Roma está munida de um principado civil, como melhor salvaguarda da sua independência.

##### **3. Quais são os direitos e prerrogativas da Igreja?**

– Da própria natureza da Igreja derivam os seus direitos, que se resumem no de viver e se propagar livremente por toda a terra, cumprindo o mandato recebido de Nosso Senhor Jesus Cristo.

O direito da Igreja em se conservar, desenvolver e perseguir a sua finalidade compreende necessariamente as faculdades seguintes:

Estabelecer a sua hierarquia em todo o lugar onde houver fiéis;

A livre comunicação dos bispos e dos fiéis com o Pontífice Romano;

A livre pregação do Evangelho, a censura dos erros, a reunião dos concílios e outras assembleias eclesásticas;

A formação dos clérigos segundo as regras da disciplina canónica;

A liberdade de educar as crianças na fé e nos costumes cristãos, e o controlo de toda a instrução sobre este ponto de vista;

A execução das leis espirituais em vigor na Igreja, especialmente no que concerne ao matrimónio;

O direito de possuir livremente bens, móveis e imóveis, como toda a associação e mesmo a título superior como sociedade independente do Estado;

O direito de criar no seu seio associações subalternas que professem um género de vida mais perfeita (cf. Lettres apostoliques, tome II, p. 23 et ss). (CSC, nn. 22 a 29).

(CSC nn. 23-29)



# Através dos Escritos de Viagem

Leão Dehon e Leão Palustre iniciaram a viagem ao Oriente a 23 de Agosto de 1864. Chegaram à Terra Santa a 22 de Março de 1865, permanecendo lá até ao dia 25 de Abril do mesmo ano. Nos números anteriores da nossa Newsletter já acompanhámos alguns passos do jovem advogado, com o seu amigo, em Jerusalém. Continuamos, neste número, a apresentar as suas “memórias” sobre esse evento tão importante para a sua vida.

## O TEMPLO, SANTA ANA, A TORRE DE DAVID

29 de Março (de 1865). Temos a autorização para visitar o Templo. Chegámos lá às 6 horas da manhã. Essa hora matinal é fixada pelo paxá; é uma medida de precaução devido ao fanatismo dos muçulmanos, que não suportam que os Giaurs entrem nas suas mesquitas santas.

Acompanhavam-nos um professor de Munique e vários Ingleses entre os quais um prelado de nome Harr. O Kawas ou suíço do consulado conduziu-nos. O piquete turco apresentou-nos armas, o que não nos impediu de receber algumas pedras lançadas por fanáticos.

O interesse nesta visita é a peregrinação ao Templo, testemunha de tantos milagres e de acontecimentos importantes. Foi aí que se deu o sacrifício de Abraão, figura do sacrifício do Calvário. Foi aí que Salomão, os reis, os profetas, o povo de Deus, louvaram o Senhor e Lhe ofereceram sacrifícios durante o reinado da antiga lei. Era aí que guardavam as Tábuas da Lei do Sinai, e o maná do deserto. Foi aí que Joás triunfou de Atalia. Aí o Anjo fulminou Heliodoro. Aí os Macabeus lutaram pelo seu Deus e pela sua pátria. Aí viveu a Santíssima Virgem na sua infância; aí Nosso Senhor con-



fundiu os doutores; aí Ele instruiu os seus discípulos e operou muitos milagres. E aí também Deus troçou dos esforços de Julião Apóstata.

Ai de mim!..., isto é hoje uma mesquita onde os muçulmanos honram Abraão seu pai, Maomé seu profeta, Omar seu chefe vitorioso.

Do próprio Templo não fica pedra sobre pedra. Tito mandou-o arrasar. Mas ficam os alicerces, a terraplanagem, o pavimento e alguns restos do recinto, especialmente a Oeste onde os Judeus vão chorar.

O monumento principal, a mesquita de Omar, é rodeado por diversos pequenos monumentos espalhados, tais como pilares ogivais, túmulos de santas personagens, fontanários. Uma graciosa edícula árabe, rodeada por um pórtico, é chamada Tribunal de David. A mesquita é árabe. É um octógono, do género dos baptistérios bizantinos; a parte baixa é revestida de mármore, a alta de faianças em que predominam os tons azuis. A cúpula é coberta de chumbo. Quatro pequenos alpendres precedem a porta. No interior a cúpula repousa sobre quatro pilares e doze colunas; rodeada por uma dupla galeria octogonal. As colunas provêm de edifícios bizantinos, são desiguais e mal colocadas. Os arcos

e o tambor da cúpula são ornamentados com mosaicos de fundo ouro que representam graciosas folhagens.

Em conclusão, este edifício relaciona-se com os de Ravena, dos séculos VI e VII. Nada faz lembrar a planta e as disposições do Antigo Templo que devia parecer-se um pouco com os do Egipto. Uma rocha no centro da mesquita passa por ser a pedra do sacrifício de Abraão. Desce-se por baixo dela. Os Árabes crêem ingenuamente que ela esteja suspensa no ar, sem apoios.

No extremo da esplanada e sobre um muro da cerca, encontra-se outro edifício que também se tornou mesquita, mas que era antes a igreja da Apresentação, construída pelos Cruzados. É uma bonita igreja ogival do século XII, com sete naves: a nave central é mais alta e mais larga que as outras. Quando virá o dia em que estes lugares, testemunhas dos principais mistérios da vida de Cristo, serão arrancados aos Muçulmanos?

Os terraços construídos no ângulo sudeste por Salomão, para alargar o monte Mória são extraordinariamente notáveis. Descendo por debaixo do lajedo do pavimento, encontram-se vastos subterrâneos, galerias que têm quinze fileiras de pilares em dez. Os muros exteriores desta parte sub-





terrânea, e as bases dos pilares em blocos ciclópicos devem ser obra de Salomão. As abóbadas devem ter sido refeitas por Justiniano.

A igreja de Santa Ana no bairro de Bezetá estava a ser restaurada. Depois da guerra da Crimeia foi doada à França. Uma gruta conservada no seu estado natural debaixo do coro, dizem que fez parte da casa de Santa Ana. A igreja é ogival, data dos Cruzados, voltada para o Oriente; tem três naves e três absides bem desenhadas.

Daí passámos para a cidadela. A torre de David, grande torre quadrada cuja construção, até meia altura, é de Salomão, tornou-se na Idade Média como a torre de menagem duma fortaleza feudal. Foi envolvida com uma cerca com fosso e ponte levadiça. Os Israelitas vangloriavam-se desta bela torre branca que era a força e a defesa de Sião. A igreja fez dela um símbolo da Virgem Maria, que é a sua força e a sua defesa.

Durante a tarde fizemos um estudo das muralhas sucessivas de Jerusalém. Evidentemente a cidade cresceu sempre para Norte, e é ainda para esse lado que ela continua a crescer. A primeira cerca não deixa dúvidas: Incluía o monte Sião inteiro, a ponta do Ofel e o monte Mória! Terminava a Norte da torre de David, que estava ligada

directamente à porta ocidental do Templo.

Toda a importância da controvérsia cai sobre a segunda cerca, por causa da autenticidade do Santo Sepulcro. Pesquisas conscienciosas, feitas pouco tempo antes da nossa viagem, reconheceram os restos dela. Partia da porta de Gennath ou dos jardins, por baixo dos bazares actuais perto do ângulo sudeste do hospital de S. João. Um arco meio enterrado deve ter pertencido a essa porta.

Mais a Norte, a cem metros para baixo do Santo Sepulcro, encontra-se, num pátio, a base dum bastião quadrado com alguns restos duma grande construção em pedra saliente. Dum lado estão as colunas da porta judiciária. Frente a essas colunas, por baixo do consulado de França, há alguns socalcos antigos. Há outros no convento das Damas de Sião. Finalmente, atrás da igreja de Santa Ana foi descoberto o ângulo dum bastião. Estes diversos marcos determinam a segunda cerca e provam a autenticidade do Santo Sepulcro. O Gólgota era de facto nos jardins a um tiro de pedra da segunda cerca.

A terceira cerca tem muito menos importância histórica. Corresponde mais ou menos à muralha de hoje.

(NHV, p. 157-153)





# NOTÍCIAS

## 150º Aniversário da Ordenação Presbiteral do Padre Dehon

A comunidade da Casa geral dos Sacerdotes do Coração de Jesus, em Roma, assinalou o 150º aniversário da ordenação presbiteral do seu Fundador com uma peregrinação ao Pontifício Seminário Francês, onde o Padre Leão Dehon recebeu a sua formação sacerdotal e viria a celebrar a sua Missa Nova, na presença dos seus pais, no dia a seguir à sua ordenação.

À chegada, o Reitor do Seminário Francês, deu as boas-vindas, apresentou alguns espaços da casa e expôs, em linhas gerais, o momento atual da comunidade formativa daquela instituição.

Foram dois os momentos principais desta peregrinação. Um primeiro momento, mais formativo, foi orientado pelo P. Stefan Ter-tünnte que, com alguma emoção, fez uma bela reflexão sobre a forma como o Fundador entendia o sacerdócio, onde sobressai antes de mais, a forte dimensão espiritual do sacerdócio em estreita relação com a Eucaristia. Mas, como notava o orador, Dehon foi para além deste cariz espiritual do sacerdócio, não apenas pelo perfil social que assumiu, mas também pela forma como viveu o sacerdócio em favor dos outros. Notava-se que o Fundador desenvolveu uma espiritualidade e uma vivência do sacerdócio muito próxima daquilo que a teologia contemporânea chama o sacerdócio comum. Por isso, o P. Stefan deixou o desafio de trilhar caminhos de aprofundamento da “proposta de uma forte tonalidade sacerdotal da nossa Vida Religiosa” como modo de corresponder à vivência sacerdotal do Padre Dehon.

Segundo momento forte da peregrinação foi a celebração da Eucaristia, presidida pelo Superior Geral da Congregação. Há

que salientar de novo a componente emotiva do momento, por ter lugar na capela onde Leão Dehon tinha celebrado a sua Missa Nova com os pais. Não faltaram momentos de releitura de escritos do Fundador sobre aquilo que significou para ele a ordenação presbiteral. Na homilia o Padre Carlos Luís Suarez desafiava a aliar a dimensão institucional e cultural do sacerdócio à graça do carisma. Mostrava como este foi o caminho do Padre Dehon e como este deve ser o caminho de todos os Dehonianos que são “guardiães do carisma recebido pelo Fundador”.

*Ricardo Freire, scj*



# 50 anos de Ordenação Presbiteral

O P. António Tomás Correia celebrou 50 anos de ordenação presbiteral no dia 21 de Dezembro. A celebração decorreu na sua Comunidade, o Instituto Missionário, em Coimbra.

Vindos das diversas Comunidades Dehonianas presentes em Portugal, juntámo-nos mais de duas dezenas de Confrades. Participaram também na celebração o Superior Provincial e o Ecónomo Provincial da nossa Província dos Camarões, de passagem pelo nosso país. Estiveram também presentes familiares e amigos do P. António e da Comunidade.

A celebração constou duma Missa celebrada às 12h00, seguida de almoço-convívio. Foram momentos vividos com muita emoção, fraternidade e gratidão. O Padre António levou-nos a reconhecer que uma caminhada de 50 anos fica a dever-se à

presença e ajuda de muita gente que se cruza connosco nos caminhos da vida; e que fica sobretudo a dever-se a muitas graças e bênçãos de um Deus que nunca nos abandona e que Se faz presente de muitas formas e por intermédio das muitas pessoas que partilham connosco os dons de Deus.

Parabéns, Padre António! A Província Portuguesa agradece tudo o que o Padre António nos tem dado e todas as missões que tem desempenhado. Continue a celebrar muitos mais anos de consagração e de sacerdócio, vividos como até agora na generosidade, disponibilidade e espírito de serviço, fortalecidos no encontro pessoal e constante com o Senhor.

*P. José Agostinho Sousa*





# Dia da Província na Igreja do Loreto

O 27 de dezembro é sempre um dia especial para a nossa Congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus, e em particular para a nossa Província Portuguesa. O último 27 de dezembro não fugiu à regra: nele celebrámos São João Evangelista, um dos santos patronos da Congregação, celebrámos o 72º aniversário de presença Dehoniana em Portugal e o 52º aniversário da criação da Província Portuguesa.

Todos estes motivos de festa levaram-nos à Igreja do Loreto, também ela em tempo de celebração jubilar, nos 500 anos da sua fundação. É costume entre nós ter nesse dia uma atenção especial aos Confrades que celebram durante o ano datas jubilares: de vida, de consagração religiosa, de ordenação presbiteral. Foi assim que homenageámos quem durante o ano celebrou 25, 50 ou 75 anos de vida; quem completou 25, 50 ou 60 anos de vida consagrada; quem perfez 25, 50 ou 60 anos de ordenação.

A festa foi bonita! Nem todos puderam estar presentes, mesmo os festejados, uns por motivos de saúde, outros simplesmente pela distância ou por afazeres inadiáveis. Mesmo assim, fomos mais de 50 os que nos juntámos, primeiro para a celebração da Eucaristia, às 11:00, depois para o almoço-convívio, com o já inevitável jogo do loto na ementa. De referir que estiveram

presentes os três Confrades bispos, tendo a celebração eucarística sido presidida por D. José Ornelas, bispo de Setúbal.

Foi acima de tudo uma ocasião para dar graças a Deus por todos os dons que tem concedido à nossa Província, sobretudo pelos Confrades que tanto têm dado à Província e à Igreja, em Portugal como nas mais variadas partes do mundo. E foi também momento propício para agradecer tanto bem que tem sido possível fazer através da nossa presença na Igreja do Loreto, lugar emblemático da presença Dehoniana em Portugal, desde o início, com a passagem e presença de tantos Confrades.

*P. José Agostinho Sousa*





# Cinquentenário da Companhia Missionária

## Testemunho do P. Maggiorino Madella

O Espírito ajuda a aceitar e a valorizar o presente, assim como a viver a peregrinação rumo ao futuro, não sozinhos, mas em “companhia” de tantos irmãos e irmãs que caminham nas mesmas estradas ou, talvez, sendas.

No quinquagésimo da CM moçambicana e da minha ordenação sacerdotal (1968-2018), um encontro, em Bolonha, fez explodir faíscas, reemergir lembranças e sonhos. E juntarei, também - porque não? - os anos da minha presença: Madeira (1963-1965) e em alguns territórios do continente africano, Moçambique (1970-2004) e Angola (2004 até hoje).

Os primeiros encontros coincidiram com o tempo dos estudos teológicos nos quais participavam algumas “senhoritas” da CM e em outras ocasiões de festas: primeiros passos de descobertas e desafios para o futuro.

Antes de partir para Moçambique, onde as consagradas leigas da CM me tinham antecipado, senti o dever de me encontrar com o P. Albino Elegante scj, que, além de me infundir coragem, partilhou comigo algumas preocupações acerca das primeiras missionárias CM na Zambézia, nomeadamente o acolhimento, a colaboração e a inserção naquela Igreja Local.

Chegado em Milevane encontrei-as a trabalhar na nossa Escola Apostólica e Missão de Nauela. As professoras, Ilda e Teresa Castro, tiveram uma atenção especial para me ajudar a melhorar o meu português e a Lisetta, enfermeira na zona, para aceitar a minha pobre colaboração no sector sanitário e pastoral. Aqui, iniciou um caminho



de reciprocidade e de comunhão humana e espiritual importante para crescer e qualificar a nossa presença entre as pessoas do lugar.

Foi significativa a nossa participação numa igreja pós-conciliar que sentia a necessidade de se renovar no Espírito (mas demasiado condicionada pelo passado e hesitante nas escolhas concretas) e o exemplo e a ajuda que nos foram dados pela Igreja vizinha de Nampula. Mas depois tivemos a coragem de prosseguir, de conscientizar-nos e de procurar a colaboração dos leigos, que não eram somente os catequistas. Assim nasceram, gradualmente, as pequenas comunidades cristãs, abertas a uma real participação e colaboração, parte ativa da família diocesana. Tudo isso nos preparou ao grande evento da Independência de Moçambique (1975). Um momento úni-

co e vibrante, mas para os cristãos e para os católicos, em particular, transformou-se num pesadelo. A uma certa intolerância ou repulsa anticolonial juntou-se a ideologia marxista-leninista dos novos patrões. A Igreja sofreu e todos nós tivemos que sofrer também as consequências.

Na missão de S. Tiago de Namarrói, fomos acusados de Antinacionalismo, pura e simplesmente, pelo facto de termos participado numa reunião de animadores em preparação à visita do nosso Bispo, Bernardo Governo. Acusaram-nos de “reunião com o inimigo”. As consequências? Expulsão definitiva da missão, e alguns de nós metidos na cadeia. Assim houve a dispersão de todo o pessoal missionário! Religiosos scj e “senhoritas” (missionárias) CM. Mas a amizade e a espiritualidade continuaram a existir à distância, fortificando-nos na vocação e na missão. E depois o povo continuou a fazer-nos sentir, ainda mais, a sua afetuosa presença, esperando novos tempos. Não posso esquecer as humilhações da Elisabetta, na tentativa isolada de retomar o seu serviço de enfermeira no posto sanitário.

Para as Missionárias leigas e consagradas renovaram-se os tempos da primeira igreja:

a perseguição e a dispersão levaram-nas a trabalhar e testemunhar em lugares diferentes, onde o seu carisma era uma surpreendente novidade, não somente para os cristãos, mas também para as pessoas dos outros institutos missionários.

Lembro, com saudade, a obra de Maria Amélia Magalhães que trabalhava assiduamente com os pequenos, filhos dos operários de uma fábrica de Quelimane e a simpatia que nascia perante esta presença social.

Os tempos criaram novas iniciativas e as missões acolheram algumas jovens, dentre elas, algumas seguiram-nas no carisma e na espiritualidade. Tudo é obra prioritária do Espírito que encontrou corações atentos, humildes e generosos, pessoas de simpatia e santa teimosia, capazes de ser dom e estímulo na peregrinação da vida humana e cristã. Com S. Agostinho podemos dizer: “Se estes e estas... por que não eu?”.

Que Deus continue a abençoar este carisma de generosa e aberta oblação. Olhemos para o futuro, juntos/as!

*P. Maggiorino Madella scj*





# Juventude Dehoniana no Encontro de Taizé

Praticamente no final do passado dia 27 de dezembro, começou a nossa aventura para o Encontro Europeu de Taizé, em Madrid. Antes da partida, tivemos a bênção do bispo D. Manuel Linda, que, em seguida, nos ofereceu um lanche. Assim, com o papo cheio, começou a viagem para Madrid, por volta das 00:30 horas, com bastante animação. Correu tudo bem durante a viagem, graças a Deus.

Chegamos a Madrid por volta das 10:30 (hora de Espanha). Fomos recebidos na «Feria de Madrid», onde nos distribuíram pelas paróquias. O nosso grupo era constituído por dois padres, dois seminaristas, dois pré-seminaristas, um jovem reli-

gioso, um postulante, um ex-seminarista e um escuteiro. Partimos, então, para a paróquia do Imaculado Coração de Maria e aí acompanharam-nos até ao alojamento no Colégio dos Sagrados Corações. No início, fiquei um bocado desiludido por ficar hospedado num colégio e não numa família, mas ainda bem, porque conheci pessoas espetaculares.

Ainda neste nosso primeiro dia, fomos buscar o nosso jantar e almoço para o dia seguinte e depois tivemos o momento de oração às 19:30. Só então regressamos ao nosso alojamento.

O nosso segundo e quarto dia foram muito semelhantes. Tínhamos o pequeno-almoço





das sete até às oito da manhã e, de seguida, íamos para a paróquia para a oração da manhã. Depois deste momento, havia um trabalho de grupo, formado, no meu caso, por três portugueses, três franceses e três espanhóis. De seguida, dirigimo-nos ao local da oração ao final da manhã, que, no caso do segundo dia, foi a Basílica Pontifícia de São Miguel e, no quarto dia, a Catedral de Nossa Senhora da Almudena. Nestes dois dias, tínhamos como tarefa a preparação da comida para os grupos e a segurança.

o nosso terceiro – o domingo –, fomos à missa no nosso Colégio Frei Luís de Leão, onde almoçámos. Também fomos visitar a nossa Casa Provincial.

Na noite do quarto e penúltimo dia, tivemos o momento da festa das nações, em que cada país pôde apresentar algo típico. Os portugueses apresentamos a música “Põe a mão na cabecinha” e o “Apita o Comboio”.

No último dia, tivemos missa na paróquia que nos acolheu, às 10:30, e, no final, tirámos uma foto de grupo muito bonita. Depois, fomos buscar o nosso almoço e, às 17:30, partimos para Portugal, com muita festa neste regresso. Graças a Deus, tudo correu bem.

Neste encontro, houve muitos momentos de descontração e brincadeira, mas também muita oração e meditação. Agradeço as meditações realizadas pelo irmão Alois sobre a hospitalidade. Este encontro ajudou-se a reflectir sobre a minha vida e a minha vocação. Depois deste encontro, tenho uma resposta mais clara quanto àquilo que eu quero. Queria agradecer ao Seminário Missionário Padre Dehon por esta experiência e a todas as pessoas que nele participaram.

Um grande obrigado a todos por tudo.

*Jorge Martins, seminarista do 12º ano*



# Primeiros Sábados em Coimbra

Por ocasião do retiro de Advento de 2018, em que participaram 60 pessoas, algumas manifestaram o desejo de algo mais. Para responder a esse desejo, lançou-se a iniciativa da manhã de espiritualidade no primeiro sábado de cada mês. O primeiro foi no dia 5 de Janeiro. Juntou-se um grupo de 8 pessoas, que promete crescer nos próximos meses. Depois de um tempo de oração, às 10, 00 horas, houve uma reflexão a partir do ITER de formação para leigos dehonianos adultos, que continuaremos a seguir nos próximos meses. Depois, veio um tempo de meditação e oração pessoal, com possibilidade de atendimento para confissão e/ou direcção espiritual. Às 12, 15, celebrou-se a Eucaristia. Quem quis e se inscreveu almoçou connosco. As outras pessoas voltaram para suas casas. O primeiro encontro foi orientado pelo Padre Nuno Pacheco. O próximo será orientado pelo Padre Fernando Fonseca. E assim continuará, com a alternância dos orientadores.

*P. Fernando Fonseca, SCJ*



# IN MEMORIAM

## Padre José de Bairos Braga

O Padre José de Bairos Braga nasceu a 2 de Setembro de 1944, em Santo Espírito, ilha de Santa Maria, Açores. Os seus pais tiveram o cuidado de o fazer baptizar logo no dia seguinte ao do seu nascimento, 3 de Setembro de 1944. Em 1955, entrou no Colégio Missionário Sagrado Coração, no Funchal. Em 1959, rumou ao Instituto Missionário, em Coimbra, para concluir os estudos liceais. Iniciou o noviciado a 28 de Setembro de 1962, vindo a professar a 29 de Setembro de 1963. Completou os estudos filosóficos em Monza, Itália, em 1965, regressando a Portugal para dois anos de estágio no Seminário Padre Dehon, no Porto. Em 1968, foi estudar Teologia em Bolonha, Itália, fazendo a profissão perpétua a 29 de Setembro de 1969. A 4 de Julho de 1971, no dia da inauguração oficial do Seminário Missionário Padre Dehon, foi ordenado presbítero por D. António Ferreira Gomes, bispo do Porto. Em Setembro do mesmo ano, foi para o Seminário de Milevane, em Moçambique, onde foi professor. Chamado pelo provincial, P. José Moisés de Gouveia, regressou a Portugal em 1974, indo trabalhar no Seminário Padre Dehon, primeiro como educador e, depois, como director espiritual, dando aulas. Quando a Província iniciou a missão em Madagáscar, quis enviar alguém que já tivesse alguma experiência de missão. O Padre José Bairos disponibilizou-se e partiu em 1981. Lá permaneceu e trabalhou durante cerca de 16 anos. Durante esse período, de 1991 a 1994, frequentou um curso de espiritualidade, em Roma, em vista do trabalho de formador, em Madagáscar. Em 1997, teve de regressar a Portugal por motivos de doença grave. Ainda chegou a exercer o ofício de secretário provincial. Mas a doença persistia, cada vez mais grave. A



sua família, emigrante nos EUA, insistiu que fosse para lá, na esperança de encontrar cura. Foi em 1998, mas acabou por falecer em Providence, a 1 de Novembro do mesmo ano.

O Padre José Bairos era um homem pacífico e recto. Exerceu com serenidade os serviços que lhe foram pedidos. Foi para Moçambique por dois anos. Mas entusiasmou-se e ficou três anos. Teria ficado muitos mais, se o provincial, a braços com uma difícil situação no Seminário Missionário Padre Dehon, não o tivesse chamado. A sua calma e bonomia, o seu espírito dehoniano, o seu entusiasmo no trabalho, eram apreciados pelos confrades e pelos seminaristas. Penso que o mesmo terá sucedido em Madagáscar e nos outros lugares onde viveu o nosso carisma e exerceu a missão.

Repouse no Coração de Jesus!

*Fernando Fonseca, scj*